

nino, é retrógrado, não gosta.

Modigliani teve sua Joana, Dante, Beatriz, Chopin compôs suas mais belas páginas para George Sand. Até mesmo Hitler não podia viver sem Eva Braun, um amor que terminou como um mau folhetim.

Tôdas as mulheres dêsses homens que, na arte, na política, na literatura marcaram um século, uma época, fizeram História, tiveram a vida marcada pela ternura e explosões de que são capazes os gênios. Companheiras atuantes, mas silenciosas, conheceram algumas também o prestígio. De outras jamais se falou.

Dedicadas e silenciosas, três mulheres de homens brilhantes aqui contam o que é a vida anônima ao lado das mil solicitações do dia-a-dia da fama. E porque preferem ficar à sombra.

PARA TERESA, O ANONIMATO FOI CONSEQUÊNCIA

Tal como diz a letra do samba, "ela tem o nariz levantado, os olhos verdinhos, bastante puxados, cabelos castanhos e uma pinta do lado". Ela é a Teresa do Tom, Teresa Hermany Jobim, tímida e reticente, "não, eu não vou dar entrevista não. Pra quê? Essas entrevistas nunca dizem o que a gente pensa mesmo..."

Casada aos dezenove anos com o primeiro namorado, um estudante de Arquitetura sem vocação, que jamais passou do primeiro ano, Antônio Carlos Jobim, vinte e dois anos, músico por escolha e destino.

Teresa trabalhava na época como professora no Colégio Brasileiro de Almeida, fundado pela mãe de Tom. Há sete anos que o namôro com o estudante de piano ia bem, vez por outra algumas briguinhas, mas com muito amor. Queriam casar, mas como?

No entanto, um dia ficou resolvido que a grande casa dos pais de Tom dava lugar para mais um. E a vida a dois começaria, difícil.

— Eu trabalhava, Tom estudava, nada de mais, nenhum choque. Era a vocação dêle, eu vibrava com ela, como até hoje.

Mas veio Paulinho, que já está mais alto que o pai e toca violão tão bem como Tom (tocou, estudando, durante tôda a entrevista, na sala ao lado). E com êle a necessidade de um emprêgo, de muitos empregos: Tom foi trabalhar na antiga Rádio Clube do Brasil, como pianista.

E o resto da história todo mundo conhece: trabalho nas buates do Rio, um trabalho estafante para o jovem pianista e compositor iniciante (e envergonhado). Disparidade de horários, Teresa saía cedo para o trabalho, Tom dormia de manhã. Só se viam na hora do jantar. Começavam as inevitáveis complicações. E o jeito foi Teresa parar de trabalhar.

— Frustrada? Talvez. Naquela época, não fazia muita diferença. Eu não tive jamais nenhuma "vocação" em especial e os filhos exigiam de mim atenção e carinho, pois quando acordavam, seus pais iam dormir.

Assim, juntos, foram quase todos os momentos do casal Jobim. Só se separavam mesmo à noite, quando Tom saía para o trabalho ou então para alguma gravação. A seu lado, como ainda hoje, está Teresa, quando o marido compõe, dando mil palpites ("não dou tantos, porque sabe como é, eu não entendo, não quero ser chata"), invento os títulos, isso tudo porque Tom assim quer.

Quando a fama começou para o pianista, quando enfim teve coragem para mostrar suas composições, Teresa sentiu medo, mas ficava feliz por Tom, "um inseguro até hoje".

— Medo porque eu via que o sucesso traria uma sobrecarga de responsabilidade para Tom, e uma conseqüente concentração no trabalho, enquanto eu ficava como simples observadora, nada mais. Mas ciúmes, isso não. Sou sua maior fã, vibro com tudo que êle faz, mas só lamento sentir-se um pouco "inexistente" para com a humanidade, pois acho que todo mundo deve fazer alguma coisa, participar, dar seu testemunho. E o Tom, nesse negócio de trabalho femi-

— O anonimato para mim foi uma consequência, não uma escolha. Pretendo agora, que já tenho um filho homem e uma adolescente, estudar, conscientizar-se. Mas, penso que o ser maduro é aquele que procura se adaptar às circunstâncias, não batalhar unicamente contra elas.

Inteligente, meiga, atualizada, Teresa Jobim se diz completamente diferente de Tom em temperamento e gostos, "o que torna a vida muito mais agradável". Ela é tensa, sempre preocupada com tudo. Tom é o bom-humor constante, a despreocupação, e só se aborrece mesmo quando querem tirar-lhe a paz para trabalhar".

— Êle acorda feliz como um passarinho, todos os dias. Cada manhã parece ser para êle a primeira da vida. Vai direto ao piano, ou então bate papos engraçados com os filhos.

Pergunto sobre sua dose de responsabilidade nisso tudo e ela humildemente responde que se colaborou, não sabe precisar de que maneira nem em quê.

Mas ela é a secretária, o pulso firme, a que discute, que dá broncas nos que querem tirar a paz de seu marido, que resolve questões de contratos, que marca as entrevistas, enfim, "é a tensão ao lado da absorção".

Falamos na tal "dose de sacrifício" que um, geralmente o mais maduro, o "não artista", deve fazer para que a união dê certo: — Tom é uma excelente criatura, de uma generosidade maravilhosa, uma alegria constante. Êle move a minha tensão, eu movo o seu pessimismo bem humorado com a vontade que tenho de acreditar nas possibilidades.

E se também viesse a fama para ela, um dia? Mesmo que, como Teresa diz, pareça ser "absolutamente impossível, imagine..."

— Eu acho a fama, isso que chamam "ser conhecido, ilustre, etc", prejudicial e necessária ao mesmo tempo, é um beco sem saída. Se o artista só vive para ela, vira roda-vida. Se não a procura, cai no esquecimento. É a questão da sobrevivência. No fundo é mesmo prejudicial sob vários aspectos, para uma só pessoa. Que dirá para duas numa casa só!

Muitas e muitas horas de alegrias e de tensões, há vinte anos Teresa vem vivendo ao lado de Tom, "um homem comum, formidável, um estudioso de sua arte, dedicado". A última foi a novela da gravação com Sinatra, que demorou três anos para se concretizar e que à última hora já ninguém acreditava que saísse. Durante três dias, ela e Tom sofreram num estúdio as variações de humor de Sinatra e a expectativa de uma mudança brusca nos acontecimentos.

E agora Frank já trata de nova gravação, que sem dúvida deverá arrastar-se mais algum tempo, acertando os detalhes. Mas Tom irá reclamando de perder sua vidinha na casa ainda nova, suas sextas de meio de tarde, o cafêzinho antes de sair para o bate-papo com os amigos no Veloso e o tradicional beijo de despedida — como todos os maridos — na "amiga e companheira no infinito de nós dois"...

MARIA, BRANCA PAZ DE IBERÊ

Maria Camargo, há vinte e oito anos, está casada com Iberê, nome respeitado em nossa pintura, solicitado em tôdas as partes do mundo — um homem que fala manso, simples, afável,

que detesta reuniões, vernissages, grupinhos de artistas e pseudo-artistas, enfim, um homem exclusivamente voltado para sua arte. Assim como Maria.

Conheceram-se em Pôrto Alegre, ambos alunos da Escola de Belas-Artes, ela de pintura, êle de arquitetura.

— Fui criada num ambiente severo, cheio de restrições. Com Iberê despertei para o mundo, êle me ensinou a viver, a enfrentar a rea-

idade. Devo tudo a ele.

Nos olhos, há um brilho de pura ternura, de agradecimento. Mas é Iberê quem colhe êsse olhar:

— Maria é uma mulher extraordinária, que a tudo renunciou por mim: uma casa bonita, belos vestidos, vida mundana. Ela é doce, calada, resignada. Eu não sei o que seria de mim se tivesse me casado com uma dessas “bonecas” que andam por aí.

A pintura, que antes parecia ser vocação, foi posta de lado por Maria, que viu que não bastaria esforço, apenas, mas principalmente talento:

— Hoje, um quadro de Iberê é meu também. A emoção é una. Transferi para êle tóda a possível vontade de pintar que possuí. Fotografo seus quadros para slides, minha única profissão hoje.

É ela quem ajuda o marido quando êste prepara as chapas para gravuras. Cataloga suas obras, providencia tudo junto às galerias de arte, está feliz assim.

— Iberê é um homem calmo, que assim como eu detesta a vida em sociedade, os bajuladores, as quinquilharias burguesas, tais como carros, televisão, belos móveis. Para conseguirlas, muita gente trai suas convicções, sua arte. E Iberê jamais pensou em se trair.

Suas mãos brancas, seu sorriso tímido, mas um jeito cheio de confiança revelam uma mulher que sabe amar, que sabe dar, sem esperar receber. É a companheira das noites em claro do pintor, seja no atelier de Botafogo, seja em Genebra, seja em Nova York.

— A fama hoje está tão deturpada... Qualquer um pode ser famoso sem talento nem sacrifício, e é por isso que a celebridade não me dá inveja. Nem a mim nem a Iberê.

Atenta a seus pedidos, andando de um lado para o outro, ela também é a mão com que Iberê pinta, o coração com que Iberê ama (e muito) os seus amigos, a sua arte.

ANA BEATRIZ HOJE PODIA SER FAMOSA

— Não, famosa acho que não. Eu precisava ter talento e penso que nunca o tive nem terei.

Quem fala é a mulher de Fernando Sabino, cercada dos filhos, que também “entrevistavam-na” o tempo todo, como a menorzinha, Mariana, com uma capa de Batman (um lenço de cabeça da mamãe).

— Se tivesse continuado a ser atriz, penso que meu casamento com Fernando não daria certo, pois êle me prefere em casa, a seu lado. Mas isto não quer dizer que me impeça de desenvolver uma vocação real, séria. E essa penso que não tenho, mesmo. A mim me basta ser sua companheira, mãe de seus filhos.

Mas há alguns anos, ela despontava no cinema, trabalhando em **Rio Quarenta Graus**, de Néilson Pereira dos Santos. Posava ainda como modelo para anúncios e tudo indicava que seria uma atriz de sucesso, pois teve seus desempenhos em teatro (**Seis personagens à procura de um autor**, com Cacilda Becker, entre outros), bastante promissores.

Mas não. Seu temperamento, segundo diz, é muito fechado, detesta aglomerações, e não admite a fama fácil, forjada apenas pela publicidade.

Viaja demais com o marido — “êle vive me fazendo surpresas, é agitado, sempre alegre”. Ouve tudo que Fernando escreve para poder dar opinião, mas deixa que as iniciativas caibam a êle próprio.

— Fernando é muito solicitado, principalmente pelas mulheres. Não ligo nada, nos entendemos perfeitamente, e se eu fôsse me preocupar, há muito já teríamos nos separado.

Lamenta que a fama só possa trazer pro-

blemas, como o exemplo do assédio — que às vezes aborrece a Fernando inclusive — e que por isso não se sente capaz de suportar a fama também para si.

— Vejo tanta gente insistindo numa carreira sem vocação, ao invés de se realizar em tarefas mais simples, descobrir o que quer da vida. É pena que ainda haja gente preocupada apenas em ser conhecida. Isso dá muito trabalho, sabe?

18-7-68

Elas

preferem

O

silêncio



